

Djanira no MAM

Está muito longe no tempo a noção de um Deus falando aos homens, aparecendo como um gesto salvador ou punitivo, feito verbo justiceiro ou profético; mesmo assim, contato, comunicação ou correspondência entre os seres humanos e uma existência mais alta e transcendente. Quase sempre essas entrevistas com Deus se faziam em fragosas e difíceis regiões da terra, regiões de natureza ainda virgem, intactas ainda da poluição das forças modificadoras que vêm, há tantos séculos, desfazendo e desvirtuando os ambientes interiores e espontâneos, impalpáveis e misteriosos, hoje pouco sensíveis nas paisagens do mundo.

E é possível que Deus se fizesse ouvir, remotamente, em condições especiais de silêncio, também há muito perdidas, condições que não mais poderão ser recuperadas, e que dispunham o silêncio como admissível consequência de deformações geológicas ou convulsões e comoções terrestres e meteóricas.

O certo, porém, é que Deus se tornou para sempre invisível e emudeceu; a sua face ou a sua voz nunca mais se fizeram contemplar ou ouvir, nem mesmo na solidão dos desertos aonde, em vão, sempre por elas reclamaram tantos santos eremitas; desapareceu e silenciou, mas o homem, por muito tempo, ainda conservou a lembrança da sua imagem e o eco da sua palavra auspiciosa; sucedeu então nas artes dos povos antigos, civilizados ou primitivos, um veemente desejo de fixá-las e transmiti-las às gerações sucessivas, na ânsia de não perder, de guardar pelo menos, como um tesouro inefável, a imagem da figura e da voz do onipotente.

Por um efeito, talvez de neg-entropia, – expressão com que Louis de Broglie, tão sabiamente, designa essa fuga permanente da informação – a própria imagem de Deus se foi perdendo, diluindo, dentro das próprias imagens reproduzidas, se perdendo num todo apagado e difuso; as suas feições se delindo, se dispersando em todos os rostos das multidões que, de tão longe tempo até hoje, se vêm multiplicando.

Somente as almas cândidas, e os corações ainda puros, podem alcançar, nos dias que correm, e isto de maneira ligeira e fugaz, os sinais longínquos dessa imagem e dessa companhia, cuja presença a história nos transmite em termos repassados de ternura, de aflição e temor.

A pintora Djanira é exatamente um desses espíritos aparelhados para sentir o vislumbre dessa imagem perdida, evocando do fundo das sensações humanas essa voz que se calou. Não tanto pelos seus anjos, extraídos do céu de Chagall, mas pelas suas figuras de rostos apagados, se movendo, se agitando em afazeres diversos, tudo traduzindo a mediunidade da pintora e nos dando a medida da sua piedade, simplicidade e doçura.

Os rostos dos seus pescadores, dos seus plantadores de fumo e colhedores de arroz trazem uma sombra lunar e a cor da sua pele e o colorido das suas roupas como que emergiram de uma luz antiga, como que nasceram de velhas luzes despenhadas, de luzes que passaram há muitos séculos sobre o mundo. São azuis, são verdes, são vermelhos, oriundos da dispersão de uma luz remota, primitiva e ingênua. Rostos apagados que, em muitos dos seus quadros, vão aos pouco se iluminando, se personalizando na pureza dos seus retratos, como surgindo do nada inicial numa gênese emocional.

Djanira está preparada para receber e transmitir a lembrança fugaz da forma divina, também pela composição, pela linha redonda e macia, pelas relações cromáticas da sua pintura que comunicam em termos plásticos a imanência do ser e da sua prisão, do ser e do utensílio do seu aniquilamento transformador: as folhas do fumo e a sua trituração, o peixe e a rede de pescar, as espigas de arroz e a sua flagelação. É um desses artistas através do qual se sente que o homem não está de todo abandonado, que não está inteiramente implantado no centro da sua solidão que é o laboratório, a forja da sua destruição; um desses artistas que traz consigo

uma rede, um tecido de comunicações humanas e populares exprimindo a importância das compreensões coletivas de um modo simples, sincero e imediato. Toda a sua pintura revela essa naturalidade desinteressada, onde é muito raro uma nota de crítica ou ironia, muito raro na sua pintura um quadro como *A Ceia* onde se vê sentado no centro da mesa o “homem comum” rodeado dos seus discípulos também comuns, um dos quais tem a seus pés uma pasta de couro onde estão, certamente, os comprovantes de uma “transação legal”.

A exposição da obra de Djanira se beneficiou ainda de ser realizada no novo edifício do Museu de Arte Moderna, num desses belos espaços arquitetônicos criados pelo grande arquiteto Affonso Reidy.

1958